

A DITADURA MILITAR NO LIVRO DIDÁTICO

Tânia Miranda, historiadora, mestre em educação.

tania.miranda@terra.com.br

Um dos mais antigos e usados recursos instrucionais, o livro didático freqüentemente desempenha papéis diferentes daqueles circunscritos à esfera pedagógica, podendo vir (e quase sempre vem) marcado de forte significado ideológico. Desse modo, refletindo os valores de quem os produz, pode funcionar como poderoso instrumento de reprodução ideológica, ou, ao contrário, vir a constituir veículo que possibilite ao estudante o desenvolvimento de habilidades voltadas para reflexão-ação-reação diante dos problemas do mundo no qual está inserido. Mas, afinal, seria possível algo sem ideologia? O livro didático é historicamente contextualizado, o pensar de uma época está aí posto. Não é por acaso que os conteúdos dos livros mudam, pois se mudam os pensares.

Mudanças que fortalecem o livro didático, no entanto, continuam sendo objeto de controvérsias. As celeumas que ele provoca revelam a complexidade de sua natureza – pode ser usado para muitos fins. Mas a idéia de que se resume apenas a um poderoso e eficiente instrumento, utilizado por grupos sociais hegemônicos que, por intermédio dele, perpetuam seus valores, sua ideologia, sua cultura, é uma meia-verdade. Mesmo reconhecendo que se trata de uma mercadoria, que obedece a regras mercadológicas e/ou governamentais, que o saber ali presente é o saber oficial imposto pelo poder, não se pode esquecer o uso que professores e estudantes fazem desse instrumento pedagógico.

O livro didático pode, perfeitamente, servir como uma ferramenta de trabalho adequada às necessidades de um ensino crítico e autônomo. Vejamos: cabe ao professor sua escolha. E exclusivamente a ele a escolha dos métodos de trabalho. No planejamento, quem seleciona os capítulos, define as formas de leitura, escolhe o alvo das problematizações, questiona e critica? Quem conduz o diálogo entre o saber do professor e do estudante com o texto? Quem elabora as tarefas, as avaliações decorrentes do estudo com o livro didático? O professor. Então, por que lhe imputar o papel de vilão da história?

Um dos campeões de adoção nas nossas escolas, por decisão do professorado, teve sua primeira edição em 2003, e dá um tratamento à resistência à ditadura militar no Brasil, diferente do que costumávamos ler. Reporta-se à guerrilha urbana e rural e reconhece o papel de liderança de velhos revolucionários. Mudanças animadoras, sem dúvida, porém o tema ainda ocupa espaço secundário dentro de uma abordagem que privilegia o político-econômico na história da ditadura.

Encontramos livros mais recentes cujos autores falam do período sem pôr em evidência os nomes dos generais presidentes com seus respectivos feitos. A resistência, na sua versão armada, é vista como uma reação ao endurecimento do regime a partir do AI-5. Prisões, torturas, desaparecimentos, bem como as

referências aos órgãos repressivos, soam quase como denúncia, ganhando páginas em lugar de meros parágrafos.

A resistência à ditadura militar vem ganhando, pelas mãos de alguns autores, *status* de fato histórico de primeira grandeza. Autores passeiam pelo tema prestigiando a utilização da história oral como metodologia na prática do ensino de história, quebrando a hegemonia do modelo baseado em biografias nacionais por não usar, como matriz dos capítulos, o nome de cada presidente. A Guerrilha do Araguaia, até então merecedora apenas de vagas referências, é lembrada e ilustrada com um colorido mapa, coincidentemente, ao lado de um igualmente colorido gráfico sobre o *milagre econômico* – esse jamais esquecido pelos nossos autores.

Essas novas tendências bem-vindas para muitos também provocam críticas daqueles que pejorativamente as chamam de esquerdização do livro didático. Se, por um lado, são críticas que podem ser consideradas como uma reação natural a qualquer processo de mudança, por outro representam – bem ao gosto de uma determinada revista de circulação nacional e de alguns jornalistas – uma posição conservadora para a manutenção de um velho poder.

Em verdade, críticas que, ao alertar para a dimensão ideológica das mudanças, podem provocar, por parte daqueles que acreditam e lutam pelas mudanças no livro didático, uma avaliação de como a ideologia, impossível de ser abandonada, pode ser utilizada de forma honesta. Esta, sim, a grande discussão.

Publicado pelo jornal A Tarde, Bahia, em 31/03/2008.